

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS USADAS NAS COLUNAS DE ANCELMO GOIS: O RECURSO AOS VALORES

Bruno Silva Lopes (CEFET-RJ)
brunolitter@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, analisa-se uma estratégia argumentativa utilizada com certa regularidade por alguns colunistas de notas brasileiros: o recurso aos valores. Na abordagem, que se ancora, de um lado, em teóricos da argumentação (FIORIN, 2016; PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; REBOUL, 1998) e, de outro, no dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 2011; BAKHTIN, 2009), busca-se evidenciar como provérbios e ditados populares, instrumentos pelos quais exprimimos valores e verdades tidas como eternas, desempenham dialogicamente função de relevo na construção argumentativa do gênero nota jornalística (LOPES, 2018), de sorte a contribuírem fortemente para o convencimento e persuasão do público-alvo. O material de análise foi extraído da coluna de Ancelmo Gois, prestigiado colunista do periódico *O Globo*. Resultados apontam que a utilização recorrente de tal artifício tende a mobilizar a memória textual e discursiva do leitor, potencializando os efeitos da argumentação.

Palavras-chave:

Argumentação. Dialogismo. Valores. Colunas de notas.

1. Considerações iniciais

No âmbito dos estudos relativos às práticas argumentativas, o recurso aos valores tem sido apontado como importante ferramenta de persuasão e convencimento do público-alvo (FIORIN, 2015; REBOUL, 1998). Nessa direção, pontua-se que provérbios e ditados populares operam significativamente em variados textos, já que (a) representam balizas morais de uma sociedade em dada época, de modo a trazer o saber popular como um dos sustentáculos da atividade argumentativa e (b) inserem uma *autoridade universal* que, amparada pelo saber coletivo, deixa pouca margem para a contestação no fio ininterrupto do discurso.

De sorte a articular essa perspectiva aos estudos dos gêneros discursivos, a ser considerada a lição de Bakhtin (apud Rojo e Barbosa, 2015), diremos que alguns gêneros, a exemplo da nota jornalística, objeto de nossa tese de doutoramento, intercalam o gênero provérbio com funções específicas nas práticas argumentativas. Semelhante intercalação se dá, precipuamente, quando se deseja tornar o discurso mais sólido, mais crível. Busca-se, para tal, a sustentação de uma tese na sabedoria popular, nos valores que se consideram bases morais na sociedade em uma deter-

minada época. Por esse ângulo de observação, pode-se afirmar que provérbios e ditos atuam como mecanismos composicionais e estilísticos responsáveis pela renovação e flexibilização do gênero nota jornalística.

Neste texto, objetiva-se unir essas duas perspectivas para analisar uma estratégia argumentativa utilizada com certa regularidade por alguns colunistas de notas brasileiros: o recurso aos valores. Na abordagem, que se ancora, de um lado, em teóricos da argumentação (FIORIN, 2015; PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005; REBOUL, 1998) e, de outro, no dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 2011; BAKHTIN, 2009), busca-se evidenciar como provérbios e ditados populares, instrumentos pelos quais exprimimos valores e verdades tidas como eternas, desempenham dialogicamente função de relevo na construção argumentativa do gênero nota jornalística (LOPES, 2018), de sorte a contribuírem fortemente para o convencimento e persuasão do público-alvo.

O material para a análise foi extraído da coluna de Ancelmo Gois, prestigiado jornalista do periódico *O Globo*. A recolha dos dados se deu, notadamente, durante últimos seis meses de 2017, compreendendo, pois, o período entre 1º de julho e 31 de dezembro daquele ano. Não obstante, dado que somos leitores habituais das colunas, não nos privaremos de ilustrar as análises com textos que eventualmente não estejam dentro desse recorte temporal, contanto que estes sejam relevantes para a explanação proposta.

O texto se estrutura da seguinte maneira: na seção 02, discorreremos sobre gêneros discursivos, argumentação e dialogismo, com o intuito de mostrar a íntima relação que se pode estabelecer entre os estudos argumentativos e o dialogismo bakhtiniano. Nas seções 03 e 04, abordamos os gêneros de base deste artigo, a saber: os provérbios e ditos populares, bem como a nota jornalística, com vistas a caracterizá-los com brevidade quanto à temática, estilo e estrutura composicional. Na seção 05, propomos discussões acerca da motivação atinente à intercalação dos provérbios e ditos nas notas jornalísticas. Na seção 06, por fim, trazemos observações sobre o *ethos* instaurado nas produções do colunista, a fim de entendermos como esse importante conceito da atividade argumentativa baliza as escolhas dos provérbios e dos ditos populares para atuarem na composição das notas jornalísticas.

2. *Gêneros discursivos, argumentação e dialogismo*

Tendo em conta os trabalhos basilares do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV³⁸, 2009), postula-se que os gêneros discursivos, como práticas social e historicamente situadas que instrumentalizam o agir humano, articulam-se, fundamentalmente, às esferas da comunicação humana, concebidas aqui como espaços de interação em que o homem atua na produção e circulação de discursos. Para o Círculo, as esferas – entre as quais a jornalística, a publicitária, a acadêmica e a familiar – de certa forma, organizam as práticas sociais e as ações humanas, levadas a cabo por meio de formas relativamente estáveis de enunciar (os gêneros), manifestas, concretamente, por enunciados/textos.

Tais princípios nos conduzem à ideia de que as ações humanas com a linguagem não se dão independentemente da interação, que é o sustentáculo das relações dialógicas, isto é, das relações que firmamos uns com os outros no uso concreto da linguagem. Assim, seguindo o paradigma bakhtiniano, na interação, dentro de dada esfera de atividade humana, comunicamo-nos (agimos) por meio dos gêneros do discurso, que têm propriedades composicionais, temáticas, estilísticas e sociocomunicativas “moldadas”, digamos assim, pelas particularidades de cada esfera. Os gêneros, pois, organizam nosso dizer. A partir deles, em qualquer atividade linguageira de que participemos, mobilizamos signos ideológicos com os quais formamos enunciados/textos, que permitem que realizemos nossos projetos de discurso.

Fiorin (2015, p. 09) traz, para as práticas argumentativas, essa percepção de que a linguagem se funda nas relações dialógicas. Pondera o autor que, quando pensamos em enunciados concretos, em especial no campo da argumentação, pensamos de imediato nas relações dialógicas. Adotando metáfora do diálogo, do simpósio universal para explicar o modo real de funcionamento da linguagem humana (FARACO, 2009), Bakhtin pondera que os enunciados dialogam ininterruptamente com outros ditos antes dele, visando, ademais, a responder a outros que ainda serão ditos no fio do discurso. Enunciar é, portanto, estabelecer relações com outros ditos – ou ainda não ditos, mas passíveis de réplica – no universo do discurso. Todo enunciado, por essa razão, está em relação dialógica com outros do complexo universo sociocultural humano. E dessa

³⁸ Relativamente a obras de autoria “disputada” na produção do Círculo de Bakhtin, seguimos a opção feita pelo tradutor, indicando os dois autores.

raiz dialogal emerge a argumentação, o dissenso ou o consenso totais ou parciais, como prática essencialmente humana.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2015) deixa clara sua percepção a respeito do real funcionamento da linguagem na complexa rede das relações humanas. O pensador russo assevera que a linguagem tem a propriedade de ser essencialmente dialógica. Em vista disso,

A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas. (BAKHTIN, 2015, p. 209) (grifo do autor)

As relações dialógicas, consoante Bakhtin (2015), ocorrem entre enunciados – e não entre frases isoladas. Estes contestam, concordam, assimilam, polemizam velada ou explicitamente com outros enunciados na rede de discursos elaborada no seio de uma sociedade. O dizer, nesse sentido, volta-se a outros com os quais entra em consonância ou em discordância. Desse modo, “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272). Mais ainda: cada enunciado solicita uma resposta que ainda se está por construir. Espera ele uma reação responsiva ativa do interlocutor.

Faraco (2009) salienta que Bakhtin muito se preocupou com a dialogização das vozes sociais, ou seja, com o encontro social dessas vozes e com a dinâmica que se instaura a partir dessas relações. Os enunciados nunca são fragmentos soltos no espaço discursivo. Pelo contrário, eles pertencem a sujeitos sociais que têm no seu discurso crenças e valores que, não raras vezes, se colocam aos interlocutores com intenções persuasivas. O enunciado é, então, “[...] uma unidade da interação social, [...] um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas.” (FARACO, 2009, p. 66), estabelecendo sempre relações dialógicas.

Por seu turno, Fiorin (2006) assinala que os enunciados são sempre espaços de luta entre as vozes sociais. Há uma tensão entre os diversos posicionamentos axiológicos circulantes na sociedade, os quais estão inevitavelmente em conflito ou em concordância. Os pensamentos são díspares, os interesses também o são. Por isso, não apenas o consenso, senão também a contradição, o embate, as discordâncias estão no âmago das relações dialógicas.

Olivier Reboul (1998), numa reflexão sobre a arte retórica, aproxima-se das reflexões bakhtinianas, de modo a salientar o caráter essencialmente interativo e dialógico daquele ramo de saber. Na observação do autor,

Se a retórica é a arte de persuadir pelo discurso, é preciso ter em mente que o discurso não é e nem nunca foi um acontecimento isolado. Ao contrário, opõe-se a outros discursos que o precederam ou que lhe sucederão, que podem mesmo estar implícitos, como o protesto silencioso das massas às quais se dirige o ditador, mas que contribuem para dar sentido e alcance retórico ao discurso. A lei fundamental da retórica é que o orador – aquele que fala ou escreve para convencer – nunca está sozinho, exprime-se sempre em concordância com outros oradores ou em oposição a eles, sempre em função de outros discursos. (REBOUL, 1998, p. 18-19)

Isto posto, pelo que temos observado, as colunas de notas são um espaço privilegiado para o estabelecimento de relações dialógicas essencialmente marcadas pela argumentatividade. Há um sem-número de discursos que ali se entrecruzam materializando-as das mais diversas formas. A incorporação dos provérbios e ditos populares nesse espaço jornalístico pode nos fornecer interessantes exemplos dessa inter-relação entre diversos discursos.

3. *Os provérbios e os ditados: gêneros da sabedoria popular*

Provérbios e ditados populares possuem definições bastante variadas, podendo, inclusive, ser tomados como sinônimos (HOUAISS, 2009)³⁹. Nesta seção, importa, fundamentalmente, defini-los, com brevidade, e destacar, adotando a perspectiva de Bakhtin (2011), os elementos integrantes e indissociáveis desses gêneros, a saber: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo. Adotam-se, pois, definições pontuais que, para efeito deste trabalho, são consideradas suficientes.

Houaiss (2009) define o provérbio como uma frase curta, em geral de origem popular, frequentemente com rima e ritmo, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra moral. A título de ilustração, valemo-nos de um provérbio quando dizemos “Água

³⁹ Embora se possa fazer uma diferenciação entre provérbios e ditados, entende-se que, se pensarmos, sobretudo, na função sociodiscursiva dos gêneros, no seu impacto retórico, na sua função no conjunto da vida social, possivelmente veremos mais semelhanças que diferenças. Por essa razão, não nos preocuparemos com demarcações rígidas entre esses gêneros neste artigo.

mole em pedra dura tanto bate até que fura”, com a finalidade de valorizar conotativamente a importância da insistência, da perseverança nas ações cotidianas.

O ditado popular, ao seu turno, aproxima-se do provérbio, na medida em que pode ser definido como um enunciado breve, rimado ou não, que expressa uma observação de valor geral, regra moral, princípio de conduta ou mesmo pensamento dito sem qualquer conotação de valor (COSTA, 2018), a exemplo de “Quem avisa amigo é” ou “Quem casa quer casa”. Diferencia-se sutilmente do provérbio, notadamente por não apresentar metáfora em sua constituição (XATARA; SUCCI, 2008). Entendem essas autoras que o provérbio tem seu significado mais opaco, figurado e conotativo, ao passo que o ditado tende a ser mais denotativo.

Quanto à estruturação, habitualmente os gêneros em tela são construídos a partir de frases curtas, diretas, que comportam um ensinamento que tem a pretensão de ser universal. Noutras palavras, são marcados ordinariamente pela necessidade de concisão. E essa característica contribui para seu impacto retórico, uma vez que todo o conteúdo é condensado em poucas palavras, de modo a facilitar a memorização: “O peixe morre pela boca”, “Quando um não quer, dois não brigam”.

A composição dos provérbios e dos ditados revela haver também uma preocupação acentuada com o estilo. Rimas (“A ocasião faz o ladrão”), antíteses (“A pobre não prometas e a rico não devas”), assonâncias (“Boa romaria faz quem em casa fica em paz”), aliterações (“Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”) parecem reforçar essa assertiva. Além disso, alguns provérbios estruturam-se por paralelismo acentuando relações semânticas de causa/consequência, oposição, tempo, entre outras, o que reforça sua expressividade (MARTINS, 2000): em “Rei morto, rei posto”, por exemplo, reforça-se a noção de tempo, demonstrando a urgência em substituir alguém que ocupe cargo importante, para que não haja prejuízo aos interessados. Já em “Casa de ferreiro, espeto de pau”, a relação de contraste se evidencia, na medida em que o texto se dirige a pessoas que, mesmo sendo hábeis em determinada tarefa e possuindo ferramentas adequadas para a realização de determinado trabalho, não usam tais habilidades e ferramentas ao seu favor.

A utilização desses gêneros está fortemente vinculada a valores sociais, morais, éticos e religiosos. Usamo-los, não raro, como referência para as práticas humanas que em certa medida precisam ser “reguladas” a fim de que a convivência se torne possível. Em uma sociedade que valoriza, sobretudo, o trabalho e os frutos que dele advêm, costuma-se dizer

“A preguiça é a mãe de todos os vícios”, com vistas a admoestar o preguiçoso. Para resguardar a privacidade daqueles que estão em uma discussão que deveria ser privada, usa-se este outro ditado: “Roupa suja se lava em casa”.

Vinculados à tradição (XATARA; SUCCI, 2008)⁴⁰, fazem parte da história e do folclore de um povo, pois são frutos da experiência vivida e compartilhada das pessoas. Por isso mesmo materializam o discurso de autoridade, que se ancora no saber acumulado por gerações, no saber tido como universal. À vista disso, quem deles lança mão na interação verbal enxerga, não raras vezes, força persuasiva que valida seu uso. Tal ocorre, porque, ao fazê-lo, o falante/escritor se coloca em posição hierarquicamente igual ou superior ao seu interlocutor, visto que se considera capaz de aconselhar, fazer reprimendas ou dar lições a ele.

4. *Breve caracterização das notas jornalísticas*⁴¹

Publicadas nas conhecidas colunas de notas⁴² e popularizadas por nomes como Ibrahim Sued, Maneco Müller e Ancelmo Gois, as notas consistem em pequenas comunicações escritas, acompanhadas, por vezes, de recursos imagéticos, tendo como marcas características a liberdade de estilo, a agilidade, a brevidade, a concisão, o senso de humor, a criticidade, a subjetividade e a abrangência. Nas palavras de Melo (1994), trata-se de um mosaico que mescla informação e opinião, constituindo um espaço fecundo para o exercício da persuasão e do convencimento, não raro sutil, como buscaremos mostrar neste artigo.

Estudiosos, a exemplo de Coutinho (2002), Emerich (2002), Souza (2009) e Sobreira (2002), afirmam se tratar de um gênero de relevo para a esfera jornalística, pois, além de usufruir de significativa influên-

⁴⁰ No trabalho das autoras, examinam-se apenas os provérbios. Entretanto, postula-se que boa parte das observações feitas nesta seção pode ser estendida aos ditados populares.

⁴¹ A caracterização aqui é propositalmente geral. Para mais especificidades sobre o gênero, ver nossa tese de doutorado (LOPES, 2018).

⁴² Jornalistas e teóricos do jornalismo têm usado nomenclatura bastante variada para se referir ao gênero: “coluna social” (RAMALHO, 1998, p. 25), “coluna de notas” (EMERICH, 2002, p. 261), “coluna jornalística de notas” (COUTINHO, 2002, p. 275). Isso pode advir da própria natureza ambígua do colunismo como gênero no jornalismo brasileiro (RABAÇA; BARBOSA, 1995). De fato, a coluna é um espaço plástico e dinâmico que apresenta dificuldades de definição para o analista, uma vez que nela se mesclam variadas formas de expressão noticiosa.

cia no conjunto editorial da mídia jornalística impressa – e, mais moderadamente, da mídia virtual –, é um espaço prestigiado pelo público leitor, que o aprecia por variadas razões, entre as quais cabe citar: (a) a credibilidade e o “frescor” da informação; (b) a capacidade de síntese; (c) a exclusividade da informação; (d) o estilo livre e pessoal do sujeito colonista; (e) a manifestação da ironia crítica.

Sobreira (2002) acresce que o gênero em tela costuma pautar os jornais, operando como uma espécie de roteiro do periódico. Nesse sentido, uma nota pode deflagrar a emergência de outros textos de gêneros distintos como reportagens, entrevistas e artigos de opinião, de modo a concorrer relevantemente com o fluxo do fazer jornalístico. Por conseguinte, não é mera casualidade o fato de as colunas de notas firmarem presença nos grandes veículos midiáticos brasileiros, sendo comumente publicadas em espaços estratégicos dos periódicos.

Mas há outra faceta do gênero que gostaríamos de abordar. Na observação de Melo (1994), o colonismo tem feição levemente persuasiva, orientando, à sua maneira, a opinião pública. É um gênero “desprezioso”, por assim dizer, mas que se abre com sutileza aos desígnios/impulsos da argumentatividade. E nisso reside seu encantamento: na simbiose entre o informar, o persuadir e o convencer. Diante disso, deparamo-nos com um gênero fecundo para o estudo das práticas argumentativas, saberes humanos não só importantes como fundamentais em nossas atividades languageiras, das mais prosaicas às mais elaboradas.

5. Gêneros intercalados e argumentação: como e por que as notas jornalísticas absorvem os provérbios

Quais relações dialógicas de base argumentativa se podem estabelecer entre as notas e os provérbios/ditados?

Revisitando a obra de Bakhtin, Rojo e Barbosa (2015, p. 31) fazem menção aos gêneros intercalados, que são gêneros integrados para “[...] compor enunciados em outros gêneros, [...] mas que mantêm fronteiras nítidas em relação aos gêneros mais complexos que integram por meio de marcas explícitas de fronteiras.” Ocorre que as diferentes esferas de ação humana estão em constante relação dialógica. Decorre disso uma relação constante entre os gêneros de diferentes esferas, o que acarreta, muita vez, a absorção motivada de um gênero por outro.

Examinemos o que diz Campos (2003, p. 37-38) sobre a intercalação dos gêneros:

O gênero intercalado pode ser visto [...] como uma possibilidade de constituição e de funcionamento dos gêneros de modo geral, pois as diferentes esferas sociais não são estranhas entre si, pelo contrário, mantêm um diálogo constante. Elas se formam entre fronteiras, com zonas de contato e influência recíproca. Conclui-se que os gêneros de uma dada esfera podem aparecer incorporados em outra, isto é, saem da esfera oficial (carta de intimação, por exemplo) para a crônica, procedimento que Bakhtin chama de *reacentuação*.

Dito isso, parece-nos razoável postular que a integração de provérbios e ditados a outros gêneros discursivos pode ser considerada estratégia argumentativa eficaz nas atividades languageiras. Tal se deve, basicamente, a duas razões: na intercalação de um provérbio, ao mesmo tempo em que o enunciador reafirma o dito, há um distanciamento, uma transferência de responsabilidade relativamente ao que se diz. Por outro lado, a inserção de provérbios na argumentação não deixa muita margem para contra-argumentação, pois atualiza o saber universalmente aceito (XATARA; SUCCI, 2008), o que torna a tarefa do adversário mais difícil.

Maingueneau (2008) acrescenta que a enunciação proverbial é essencialmente polifônica. O enunciador, ao proferir um provérbio, faz ouvir, por meio de sua própria voz, a da sabedoria popular, responsabilizada por aquele dito no enunciado. Nesse procedimento, retomam-se outros enunciados, outros ditos que, no fio do discurso, já o proferiram, o que, de alguma maneira, confere credibilidade a essa voz. Cremos ser possível, assim, falar em uma *autoridade universal*, porquanto a força argumentativa do provérbio reside na representação de valores sociais aceitos por uma coletividade.

O texto a seguir, encontrado na coluna de Ancelmo Gois, pode nos servir para ilustrar o que vimos dizendo até aqui. Busca-se outra posição discursiva, qual seja, a sabedoria popular, o *vox populi*, para sustentar a tese exposta no título, que materializa uma reprimenda feita a uma das instituições mais burocráticas do nosso país em razão de ela não cumprir o que tanto exige⁴³.

⁴³ No texto “Casa de ferreiro...”, observa-se a nítida separação formal entre os gêneros. Os tempos verbais (“operam”, “foram”) que, no contexto, conferem caráter factual e noticioso ao corpo do texto, marcam a fronteira composicional entre nota jornalística e ditado. Semelhante característica composicional permite-nos dizer que o gênero ditado

Casa de ferreiro...

Dos 75 cartórios do Centro do Rio,
15 operam sem alvará de
Licenciamento de Estabelecimento.
Todos foram autuados e terão de pagar
multa de R\$ 802 — uma mixaria para
esse tipo de negócio, convenhamos.

O Globo. 14 de dezembro de 2017, p. 12.

O vigor argumentativo de um provérbio, como já sugerido, está no fato de ancorar-se em variadas vozes que dão suporte ao que se defende. Essas vozes corroboram certas práticas sociais e modos de agir aceitos por uma coletividade. Ao recorrer ao provérbio “Casa de ferreiro, [espeto de pau]”, o colunista evidencia uma prática ilegal de alguns cartórios cariocas, os quais, em razão da própria natureza da função cartorial, deveriam se fundar na ordem e nas leis estabelecidas.

Não por acaso, insere-se o provérbio já no título, parte de relevo na composição das notas jornalísticas. Vale lembrar que o título cumpre importante função estratégica na articulação textual na medida em que, além de despertar a atenção do leitor, estabelece vínculos com informações textuais e extratextuais, concorrendo para a orientação da conclusão a que o leitor deverá chegar (MENEGASSI; CHAVES, 2000). Por essa razão, trabalha-se com a multimodalidade, de modo a destacar o título de seu corpo. Para tal costuma-se usar letras de maior dimensão, as quais vêm negritadas, a fim de conferir destaque a essa parte do texto.

Estratégia constante do colunista é deixar o provérbio incompleto, com vistas a promover uma interação mais direta com o leitor, de modo a mobilizar sua memória textual e discursiva (BRAIT, 2011). Dito de outra forma, a suspensão do pensamento coloca explicitamente o leitor como co-autor do texto, pois mobiliza seu conhecimento de mundo de duas formas: (a) fazendo-o lembrar do dito e (b) estimulando-o a recorrer ao seu saber acumulado para completar o texto num jogo de linguagem bem característico da interação face a face.

Essa estratégia pode igualmente ser observada no título da nota seguinte:

integra o gênero nota, reacentuando-o, isto é, possibilitando a expressão de uma nova posição discursiva.

‘O bom filho...’

Luís Roberto Barroso, do STF, vai a Vassouras (RJ) amanhã. A convite da OAB-RJ, ele dará palestra gratuita para advogados sobre “Os desafios do Brasil na atualidade”. Barroso é o 3º ministro vassourense. Antes, houve Sebastião Lacerda (avô de Carlos Lacerda), em 1912, e Edgard Costa, em 1945.

O Globo. 10 de novembro de 2017, p. 14.

Do ponto de vista da argumentação, observa-se, nas ocorrências apresentadas até aqui, o recurso aos valores (FIORIN, 2015), expediente argumentativo que consiste em utilizar certas balizas morais tidas como verdade por uma dada sociedade. No último exemplo, tece-se uma valoração positiva sobre o ministro Luiz Roberto Barroso, considerado um filho ilustre da cidade de Vassouras. As reticências apelam, de novo, para a memória discursiva do leitor, que deve retomar o anexo na íntegra para que ele faça sentido no texto: “O bom filho... [a casa torna].” Cabe dizer que a expressão, tal como é usada no enunciado, celebra a volta do ministro a sua cidade de origem, indicando o tema da nota, ou seja, a apreciação valorativa positiva face ao objeto do texto.

O recente falecimento do cantor João Gilberto foi o mote da indignação velada do colunista na nota seguinte.

Santo de casa não faz milagre

A morte de João Gilberto repercutiu mais fora do Brasil do que por aqui. No Facebook, houve mais de 5 mil posts sobre o grande artista. Dos 20 links com os quais as pessoas mais interagiram, só seis eram daqui, segundo Marco Aurelio Ruediger, da FGV DAPP. Das 157 mil menções no Twitter entre sábado e ontem, 47% foram de outros países: principalmente EUA (20,4 mil), França (7,9 mil) e Japão (6,3 mil). (O Globo, 09 de julho de 2019, p.10)

Sabe-se que o ditado que consta do título tem origem bíblica (Marcos 6:4). No evangelho, narra-se a volta de Jesus a sua terra: Nazaré. Ao pregar nas sinagogas do local, muitos ficaram escandalizados com sua sabedoria, chegando a duvidar dela. Na ocasião, Jesus reflexiona so-

bre o quão pouco valor as pessoas dão aos conterrâneos, por mais competentes que sejam. Trata-se de uma boa oportunidade para reiterar o dialogismo inerente ao uso da linguagem, já que um discurso traz inevitavelmente ecos de outros discursos com os quais dialoga.

O ditado é utilizado, portanto, de forma bastante apropriada no texto de Gois. Com motivação crítica, lança-se, para o leitor, um ponto de vista já aceito pela sociedade, o qual será comprovado pelos elementos trazidos pelo corpo do texto – veja-se, por exemplo, a fundamentação por dados e números, que conferem objetividade à argumentação. À medida que se constrói a crítica, o colunista deixa transparecer seu apreço pelo cantor João Gilberto, considerado um ícone da música brasileira, notadamente da Bossa Nova.

Vamos a outro exemplo. No texto que segue, é possível perceber a discordância do colunista em relação às políticas econômicas propostas pelo atual ministro da economia, o economista Paulo Guedes.

‘Tão querendo meter a mão no meu bolso’

Paulo Guedes tem criticado o chamado dinheiro carimbado —aquele que tem, por decisão do Congresso, uma destinação certa para determinado setor, como a saúde. Em nenhum momento, o ministro da Economia citou o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), que banca o cinema nacional. Mas sabe como é, né: cachorro mordido de cobra tem medo de linguíça. Embaixo de tanta porrada, a turma teme por mais essa, eventualmente. Essa grana, estimada este ano em R\$ 724 milhões, é captada no próprio setor audiovisual, principalmente da arrecadação da “Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica Nacional”. (O Globo. 29 de julho de 2019, p. 10)

O teor de discordância é acentuado pela intercalação de um ditado popular “Cachorro mordido de cobra tem medo de linguíça”, que corporifica a ideia segundo a qual a prudência é ainda mais importante a quem de alguma forma já sofreu as consequências danosas de uma ação e, por isso mesmo, não quer passar novamente pela situação. O dito, de alguma forma, aproxima-se de outro bastante conhecido: “Gato escaldado tem medo de água fria”, o qual, analogamente, enfatiza a importância da precaução.

Relativamente ao texto, muito embora não haja menção ao Fundo Setorial do Audiovisual como possível alvo de cortes orçamentários, argumenta-se que o setor deve estar alerta, em face das restrições orçamen-

tárias implementadas pelo atual governo. O título, cuja proposta é reproduzir, informalmente, uma possível voz do setor audiovisual, também o confirma, visto que manifesta uma contraposição a uma possível restrição financeira que venha a atingir o setor.

6. *Breves comentários sobre o ethos do colonista*⁴⁴

Cabe aqui fazermos uma alusão à imagem de si que o colonista busca instaurar a partir da incorporação dos ditos às notas jornalísticas. Tomemos, inicialmente, a lição de Aristóteles:

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para a dúvida. É, porém, necessário que essa confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade de que fala [...], mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão. (ARISTÓTELES, 2005, Tomo I, 1356a)

Em suas postulações na *Retórica*, o estagirita argumenta ser necessário que o orador desperte a confiança daqueles a quem se dirige, a saber: o seu auditório. Nessa direção, pontua que o *ethos*, um dos três tipos argumentos formulados pelo filósofo, seria o caráter que o orador deveria assumir para conquistar a confiança do público-alvo. Qualidades como honestidade, bondade e compassividade contribuiriam para a construção da imagem que o orador busca instaurar, vista como argumento relevante para inspirar confiança no auditório (REBOUL, 1998).

Por essa perspectivação, diremos, de início, que o colonista incorpora o *ethos* da competência social e discursiva, angariada pelo suposto “notório saber” e pela sua presença e circulação nos veículos midiáticos. É visto, portanto, como capaz de fazer o que faz, de dizer o que diz dentro do domínio a que pertence. Ele incorpora a aura da competência sociodiscursiva, que o coloca em posição favorável para desempenhar seu papel. O *ethos* do colonista legitima as informações/opiniões manifestas por ele e constitui-se como garantia de credibilidade para seu discurso (LOPES, 2018).

⁴⁴ Evidentemente, uma análise detida sobre o complexo conceito de *ethos* na coluna de Ancelmo Gois não caberia nas páginas deste artigo. Paschoal (2017), a quem remetemos o leitor, procede a um estudo detalhado sobre a construção dos *ethé* no discurso de Gois.

Relativamente à seleção constante de ditados/provérbios para figurarem na coluna, essas escolhas se atrelam, de modo geral, a fatores da situação de comunicação como, por exemplo, o projeto de dizer do colunista e a construção do seu *ethos*. Nesse sentido, observe-se que, na confecção dos textos, cada colunista imprime sua marca, fazendo com que as notas jornalísticas de diferentes colunas tenham semelhanças, mas também diferenças bastante significativas quanto à composição estilística. Por essa razão, “personalizamos” a análise para melhor compreendermos como se estrutura a imagem (ou algumas das muitas imagens) de Gois na coluna.

É frequente, no espaço jornalístico de Ancelmo Gois, a contemplação de pautas que valorizem a arte, a sabedoria popular, a diversidade sexual, a pluralidade cultural, a literatura, o cinema, entre outras. À vista disso, a própria seleção temática já é uma forma de construção do *ethos* do colunista, que se encaminha para a instauração da imagem de um jornalista que, para além de suas obrigações éticas relativas à profissão e às demandas dela advindas, se coloca a favor das liberdades (sexual, individual, de imprensa, de escolha, etc.), da igualdade, da ética, assumindo claramente uma posição humanizadora frente aos temas sobre os quais fala. Nesse sentido, não raramente, posiciona-se em contrário a qualquer manifestação que venha a ferir a dignidade humana, assim como os direitos básicos do cidadão.

A nota intitulada “*Tão querendo meter a mão no meu bolso*” é bastante ilustrativa nesse sentido. Já antecipando um provável bloqueio de verbas para o setor audiovisual, o colunista traz à baila o tema para debate, com vistas a sutilmente se opor à política de contenção de gastos praticada pelo atual ministro da Economia Paulo Guedes. Estamos diante, pois, de um jornalista que, de algum modo, lança sua voz em defesa do cinema nacional, celebrado tantas vezes por ele em sua coluna.

Da mesma forma, no plano argumentativo, provérbios/ditados aparecem também com outra função no que tange ao *ethos*: atuam na construção da imagem social de um enunciador que valoriza o saber popular e que o considera importante fonte de conhecimento. Em tempos de valorização do saber acadêmico, o colunista, que não o nega, usando-o com frequência em sua coluna, incorpora, adicionalmente, a tradição popular em seus textos, de modo a fazer conviver em um mesmo espaço de publicação o popular e o acadêmico.

Desse modo, os provérbios/ditados contribuem para o reconhecimento de um homem do povo, “gente como a gente”, cômico das questões sociais relevantes para sua comunidade.

7. *Considerações finais*

Entendemos que as técnicas argumentativas usadas em múltiplos gêneros do discurso para persuadir e convencer devem ocupar lugar de destaque nos estudos retóricos e argumentativos. Em consonância com tal postulado, propusemo-nos a examinar, neste texto, quais as motivações sociodiscursivas/retóricas que um colunista de notas tem ao lançar mão de um provérbio ou ditado na composição de uma nota jornalística.

A proposta se deteve, num primeiro momento, a descortinar as relações dialógicas de base argumentativa firmadas entre os vários enunciados que compõem nosso complexo caldo cultural. Em seguida, foram propostas caracterizações gerais que, à luz da teoria bakhtiniana, nos propiciaram uma melhor compreensão sobre os gêneros enfocados no trabalho. A pesquisa avançou com a apresentação das razões pelas quais as notas absorvem provérbios e ditos. Por fim, examinou-se, sucintamente, a construção da imagem de si que o colunista pretende fixar em seu discurso.

Em suma, pôde-se evidenciar que as intercalações, no fio ininterrupto do discurso, obedecem a duas forças. A primeira delas reporta-se ao projeto de discurso do colunista, o qual, em regra, deixa aflorar uma necessidade de persuasão e convencimento do público-alvo mediante a apresentação de teses a seu assentimento, assim como de argumentos que a sustentem. A segunda funda-se construção do *ethos* discursivo. Provérbios e ditos são, assim, cuidadosamente selecionados, uma vez que contribuem para a construção de uma imagem positiva do colunista, assentada na valorização das manifestações artísticas e da sabedoria popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Disponível em: https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf. Acesso em: 22 maio 2017.

BAKHTIN, M. M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRAIT, B. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. In: *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 183-96, 1º semestre, 2011.

CAMPOS, M. I. B. Na mira do discurso do outro: gênero intercalado em crônica de João Ribeiro. *The ESpecialist*, São Paulo, vol. 24, nº especial (33-48), 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/9468/7036>. Acesso em 16/08/2019.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

COUTINHO, I. Colunas jornalísticas de notas: representação na imprensa. In: MOTTA, L. G. (Org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p. 275-98

EMERICH, D. O beijo de Mangabeira: o jornalismo político das colunas de notas. In: MOTTA, L. G. (Org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p. 261-74

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – versão 3.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

LOPES, B. S. *A nota jornalística no ensino de Língua Portuguesa: propostas, práticas e aplicações*. 2018. 300f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2018.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza e Décio Rocha. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística: expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MELO, J. M. de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

MENEGASSI, R. J.; CHAVES, M. I. A. O título e sua função estratégica na articulação do texto. In: *Linguagem & Ensino*, Vol. 3, No. 1, 2000 (27-44). Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/281/247>. Acesso em 22/08/2019.

PASCHOAL, P. C. G. *As mil faces de Ancelmo Gois: a construção do ethos em discurso de informação*. 2017. 178f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 2017.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RAMALHO, A. M. Coluna Social. In: *Lições de jornalismo*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1998. p. 25-42

RAMOS, M. C. *Intrigas da corte: o jornalismo político das colunas sociais*. Rio de Janeiro: Corpo da Letra, 1994.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. de Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

SOBREIRA, G. *Manual da fonte: como lidar com jornalistas*. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

SOUZA, R. M. *Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico*. 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=8. Acesso em: 02 abr. 2017.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas On Line*, p. 33-481, 2008.